

# ATIVIDADE EDITORIAL COMO ATIVIDADE EDUCATIVA: REFLEXÕES DE GRAMSCI SOBRE AS “REVISTAS TIPO”

Rosemary Dore

## RESUMO

*O objetivo deste texto é examinar a reflexão de Gramsci sobre as “revistas tipo”, focalizando tanto sua atividade editorial, segundo um plano e uma divisão de trabalho, racionalmente predisposta, quanto sua atuação como círculos de cultura, difundindo concepções de mundo e contribuindo para organizar a cultura. Segundo Gramsci, a atividade das “revistas tipo” poderia ser um parâmetro para um trabalho educativo de elevação cultural das classes subalternas. Ele entende que a formação de quadros intelectuais é papel da escola. Entretanto, como esta ainda não era acessível à grande maioria da população, ele propõe que as revistas constituam um terreno favorável ao início de uma ação, para resolver o problema da cultura, mesmo que o trabalho educativo da revista não substitua a atividade escolar “direta”. Assim como a luta contra o analfabetismo é diferente de uma escola para analfabetos, as revistas não seriam, por si mesmas, uma solução para o problema da cultura, mas poderiam ser tomadas como um ponto de partida para a criação de uma nova civilização. Gramsci relaciona a atividade editorial das revistas à organização de um trabalho cultural, visando a orientar a instituição de um centro homogêneo de cultura para a conquista da hegemonia.*

PALAVRAS-CHAVE: imprensa; cultura; atividade editorial; educação; hegemonia; Gramsci; escola unitária.

## I. AS “REVISTAS TIPO” NO PROGRAMA DE ESTUDOS ESBOÇADO NO CÁRCERE

Nosso interesse sobre as reflexões de Gramsci a respeito das “revistas tipo” e sua relação com o problema da cultura nasceu dos estudos que realizamos sobre sua proposta para a escola, entendida como organização da sociedade civil essencialmente ligada à conquista da hegemonia (cf. DORE SOARES, 2000; 2005).

A questão da escola, no entanto, não aparece nos primeiros planos de estudo que Gramsci esboçou no cárcere. Ao tratar do problema da cultura e da elevação da consciência dos trabalhadores, do senso comum ao nível filosófico, ele toma inicialmente as revistas – e não a escola – como referência da atividade educativa. Assim, já em fevereiro de 1929, no seu primeiro plano de estudo do cárcere (GRAMSCI, 1977, p. 5-6), Gramsci menciona as “revistas tipo” no ponto 14 (Revistas tipo: teórica, crítico-histórica, de cultura geral), enquanto a escola somente vai aparecer em seus programas de novembro-dezembro de 1930<sup>1</sup>

<sup>1</sup> A questão da escola aparece no ponto 1 (A escola e a

e de fevereiro-abril de 1932 (*idem*, p. 936: Ponto 1º - Intelectual, Questões da escola), no qual as revistas são incorporadas ao item sobre jornalismo (*ibidem*: Item 10º, Notas sobre o jornalismo).

Na discussão sobre as revistas, Gramsci liga a sua atividade editorial à formação de intelectuais. É um nexo que, certamente, vem de sua própria experiência jornalística, desde *Il grido del popolo* (1917-1918) até as atividades educacionais em torno da revista *L'Ordine Nuovo* (1919-1920)<sup>2</sup>. Então, Gramsci ainda não amadurecera suas reflexões sobre o Estado e a sociedade civil. Posteriormente, já no cárcere, ele apresenta suas mais ricas contribuições à análise do Estado capitalista, mostrando as complexas relações entre sociedade política e sociedade civil e desvendando o caráter contraditório desta última, como “aparelho

educação nacional) e no 18 (A escola única e o que ela significa para toda a organização da cultura nacional) (GRAMSCI, 1977, p. 935).

<sup>2</sup> A partir de 24 de dezembro de 1920, *L'Ordine Nuovo* deixa de ser publicada como revista e, no ano seguinte, passa a ser editada como cotidiano do Partido Comunista Italiano, fundado em janeiro de 1921.

privado de hegemonia”<sup>3</sup>. É quando ele explicita a importância da escola<sup>4</sup> para a formação de quadros intelectuais e formula a sua proposta para a escola unitária, como uma escola para todos, sob a hegemonia de um novo grupo social cujo objetivo político é a realização da igualdade social.

Ao apresentar a proposta da escola unitária, Gramsci deixa claro que seu advento “significa o início de novas relações entre o trabalho intelectual e o trabalho industrial não apenas na escola, mas em toda a vida social” (*idem*, p. 1538). A construção da escola unitária começaria já no próprio capitalismo, tendo como horizonte alcançar novas relações entre vida e cultura, uma situação de igualdade social. Propunha a elevação civil das massas populares, que não seria consequência mecânica de mudanças econômicas, mas resultaria de um intenso trabalho cultural. O princípio unitário, por isso, deveria estar presente “em todos os organismos de cultura, transformando-os e lhes dando um novo conteúdo” (*idem*, p. 1538). As linhas de funcionamento da escola unitária deveriam ser desenvolvidas e constituir uma referência para orientar a organização de um centro de cultura, desde o nível mais elementar e primitivo ao mais complexo (*idem*, p. 1539).

Tal formulação de Gramsci sobre os princípios da escola unitária como guias para organizar um centro de cultura, em toda a sua estrutura, expressa o aprimoramento de uma reflexão sobre a atividade educativa como estratégia para a conquista da hegemonia que começa com suas proposições sobre as revistas.

Dando uma completa reviravolta na concepção de cultura como dimensão inteiramente subordinada à economia, dominante no movimento

operário de sua época, ele entende que a fundação de um novo Estado depende de um processo muito mais amplo de criação de uma nova civilização<sup>5</sup>. Por isso, considera imprescindível “organizar a cultura”, ampliando os meios para difundir novas concepções do mundo que permitissem às classes subalternas tomar “consciência de si”, dos seus próprios fins e fazer sua história. Nesse sentido, afirma ser necessário mudar a concepção de mundo das classes subalternas, suas ideologias, criando uma nova ética, uma “norma de conduta” adequada à nova visão do mundo. Aí se encontra a base de uma reforma intelectual (concepções de mundo) e moral (norma de conduta) – teórica e prática –, essencial à fundação de um novo Estado, pois poderia levar a uma nova “direção cultural”, à conquista da hegemonia por parte das classes subalternas.

A elaboração do conceito de hegemonia se insere no esforço teórico de Gramsci para recupe-

<sup>3</sup> A noção de “aparelho privado de hegemonia” é mencionada por Gramsci no seu debate com Daniele Halévy sobre as concepções do Estado (cf. GRAMSCI, 1977, p. 801).

<sup>4</sup> Em sua reflexão mais madura sobre o Estado e a sociedade civil, Gramsci identifica a importância da escola e diz: “A atividade escolar, em todos os seus graus, tem uma importância enorme, também econômica, para os intelectuais de todos os graus: tinha antes uma importância ainda maior do que hoje, dado o estreitamento dos quadros sociais e as escassas alternativas abertas aos *pequenos burgueses* (hoje): *jornalismo*, movimento dos partidos, *indústria*, *aparato estatal* muito ampliado etc. alargaram de modo sem precedentes as possibilidades de emprego” (GRAMSCI, 1977, p. 2047; sem grifos no original).

<sup>5</sup> O termo “civilização” é a tradução para o português do termo *civiltà*, largamente adotado por Gramsci nos Quaderni. *Civiltà* deriva do latim *civilitas*, que por sua vez vem do adjetivo *civilis*, de *civis*, ou seja, cidadão. Nesse sentido, significa o conjunto das qualidades e características da vida dos membros de uma comunidade, como cidadãos. Gramsci adota a expressão •gciviltà•h num sentido amplo, para referir-se à organização econômica, social e política de uma comunidade, ao conjunto dos seus valores estéticos e morais. Mas também se refere ao processo de melhoria das condições de vida dos indivíduos e da coletividade, à conquista de valores artísticos e literários mais elevados, ao desenvolvimento do saber científico, à maior complexidade da divisão do trabalho e da diversidade de funções e especializações na sociedade e, enfim, à conquista de uma consciência mais aprofundada do próprio modo de ser e de agir na vida. Há uma estreita relação entre as noções de *civiltà* e cultura. Quando aborda o problema da escola, por exemplo, Gramsci diz que “quanto mais ampla é a ‘área’ escolar e quanto mais numerosos são os ‘graus’ ‘verticais’ da escola, tanto mais complexo é o mundo cultural, a civilização [*civiltà*], de um determinado Estado” (GRAMSCI, 1977, p. 1517). Ao referir-se ao Estado educador, Gramsci diz que “o Estado deve ser concebido como ‘educador’ na medida em que tende justamente a criar um novo tipo ou nível de civilização [*civiltà*]” (GRAMSCI, 1977, p. 1570). E o termo *civiltà* não exclui a dimensão econômica. É o que fica claro quando Gramsci focaliza o americanismo e afirma que suas ações se dão por meio da coerção brutal de um grupo social sobre todas as forças produtivas da sociedade: “a seleção ou ‘educação’ do homem adaptado aos novos tipos de civilização [*civiltà*], isto é, às novas formas de produção e de trabalho [...]”, em cujo processo de advento (de uma nova *civiltà*) ocorrem crises (GRAMSCI, 1977, p. 2161).

rar a metodologia dialética na análise do nexo entre estrutura e superestrutura, economia e política. Com essa intenção, ele mostra que, em Marx, além do aspecto da força e da economia na análise do Estado, também está contido *in nuce* “o aspecto ético-político da política ou a teoria da hegemonia e do consentimento” (*idem*, p. 1315). Nessa discussão, assume especial relevo a ênfase que Gramsci dá à asserção de Marx segundo a qual “os homens tomam consciência de seus deveres no terreno ideológico, das superestruturas”, isto é, “da própria força, do próprio tornar-se um grupo social” (*idem*, p. 436-437)<sup>6</sup>. Ele retoma diversas vezes tal postulado de Marx, nele identificando um princípio gnosiológico, nem materialista nem idealista. Afirma que se trata de uma formulação gnosiológica, de caráter dialético, pois mostra que, no movimento da história, não há predominância nem da existência nem da consciência. No ato histórico, esses contrários se identificam: a atividade humana é “história-espírito” em concreto, inextricavelmente ligada a “uma certa ‘matéria’ organizada (historicizada), à natureza transformada do homem” (*idem*, p. 1492).

Essas reflexões de Gramsci, cujo objetivo é o de reconstituir a perspectiva dialética adotada por Marx para a análise da sociedade, guiam-lhe na crítica ao que chama “fórmula de 1848”<sup>7</sup>, isto é,

<sup>6</sup> A idéia do nexo necessário e vital entre estrutura e superestrutura é retomada por Gramsci no Caderno 10, na filosofia de Benedetto Croce (GRAMSCI, 1977, p. 1318). Aí, ele reafirma que os homens tomam consciência da sua posição social e, assim, dos seus deveres, no terreno das ideologias e acrescenta que é correta a proposição de Croce segundo a qual a “filosofia da práxis é ‘história feita ou história *in fieri*’” (GRAMSCI, 1977, p. 1318). Com referência à educação, sustenta que a filosofia da práxis é a própria teoria das contradições; é expressão das classes subalternas que querem educar a si mesmas na arte do governo e que têm interesse em conhecer todas as verdades.

<sup>7</sup> Gramsci chama de “fórmula de 1848” o conceito de uma revolução violenta contra o Estado capitalista, concebido como “comitê” da burguesia – cf. o conceito de Marx e Engels sobre o Estado no *Manifesto do Partido Comunista* (1848): “O governo moderno não é senão um comitê para gerir os negócios comuns de toda a classe burguesa” (MARX & ENGELS, 197-, p. 23). Cf. também o conceito de revolução como um confronto direto contra o Estado: “Esboçando em linhas gerais as fases do desenvolvimento proletário, descrevemos a história da guerra civil mais ou menos oculta, que lavra na sociedade atual, até a hora em que essa guerra explode numa revolução aberta e o proletariado estabelece sua dominação pela derrubada violenta da burguesia” (*idem*, p. 30).

a estratégia apresentada pelo próprio Marx, junto a Engels, para destruir o Estado capitalista. Com Marx, mas avançando o seu pensamento ao levar em conta as mudanças históricas, Gramsci propõe, em contrapartida, a estratégia da “hegemonia civil”. Uma estratégia cuja eficácia se sustenta no processo de difusão de concepções de mundo e de obtenção do consentimento das grandes massas populares à determinada ideologia (concepção de mundo), abraçando-a, pondo-a em prática e convertendo-a em história. Por isso, enquanto em Marx a dimensão da cultura não é expressão de relevo para um projeto revolucionário, em Gramsci ela é dimensão basilar de uma “reforma intelectual e moral” para a conquista da hegemonia e a transformação da sociedade. E é o próprio Marx quem lhe fornece os argumentos para identificar o valor das idéias e as suas possibilidades de vir a se transformar em história. A esse respeito, Gramsci recorda diversas vezes a concepção de Marx de que as idéias, quando assumem a “força granítica das crenças populares”, convertem-se em poder material (*idem*, p. 1595). A referida proposta marxiana coloca o problema de engendrar uma nova sociedade a partir da difusão de um complexo ideológico que ganhe a mesma solidez “material” das crenças populares (*idem*, p. 869), tornando-se uma “vontade coletiva” capaz de modificar a história.

Gramsci tem em vista a organização de uma nova civilização. E busca o seu modelo crítico no desenvolvimento da Reforma Protestante e do Renascimento que, para ele, são movimentos ricos de sugestões pedagógicas (*idem*, p. 891). Ambos promoveram o nascimento de uma nova civilização, realizando-se na esfera de elite (Renascimento) e na de massas (Reforma Protestante). Aí, ele identifica a questão pedagógica: uma proposta visando a criar uma nova civilização exige a elaboração de atividades culturais nas duas esferas, a de elite e a de massas. Mas o que torna a proposta mais complexa, assinala o autor, é que as duas atividades são apenas uma: o trabalho de elaboração de uma elite não pode se separar do de educar as grandes massas populares. Tal é o significado do nexo entre Renascimento e Reforma que Gramsci tem em mente quando focaliza a atividade editorial em torno das revistas e o seu papel como difusoras de concepções de mundo. O seu propósito é o de criar condições e fomentar múltiplas iniciativas para realizar uma “reforma intelectual e moral” no plano político e cultural.

## II. AS “REVISTAS TIPO” COMO INSTRUMENTO PARA ORGANIZAR A CULTURA

Assim como a luta contra o analfabetismo não é a mesma coisa que criar uma escola para analfabetos, a discussão de Gramsci sobre as revistas tipo é mais do que uma luta a favor da organização da cultura para criar uma nova civilização (*idem*, p. 790). Para eliminar o analfabetismo, por exemplo, não basta a luta política. É necessário, além disso, contar com uma escola que efetivamente ensine a ler, a escrever e a contar. Nesse âmbito, apresenta-se a questão das revistas como referência para organizar a cultura. Não basta a Gramsci uma política cultural. Ele defende a necessidade de se dispor da técnica, isto é, dos meios materiais para desenvolver uma ação cultural. Por isso, observa que as revistas devem constituir um instrumento para reforçar as instituições culturais. “[...] Por si mesmas as revistas são estereis se não se tornam a força motriz e formadora de instituições culturais de tipo associativo de massa, isto é, cujos quadros não estão fechados. Isso também se aplica às revistas do partido; não é necessário crer que o partido constitua por si mesmo a ‘instituição’ cultural de massa da revista. O partido é essencialmente político e também a sua atividade política é cultural: as ‘instituições’ culturais devem ser não apenas de ‘política cultural’, mas de ‘técnica cultural’” (*idem*, p. 790-791).

A intenção de Gramsci é esta: criar uma escola para “analfabetos”. Pensar as possibilidades práticas de educar, metodicamente, as grandes massas populares, desenvolvendo todos os meios culturais para extirpar o “analfabetismo” no sentido mais amplo de um analfabetismo cultural. Com esse propósito, ele realiza uma vasta pesquisa sobre a organização da cultura.

Já no primeiro Caderno, apresenta o esboço daquilo que entende ser a condição principal (mas não a única) para organizar a cultura: a “difusão, por um centro homogêneo, de um modo de pensar e de agir homogêneo” (*idem*, p. 33). No Caderno 19, Gramsci formula duas linhas para a hegemonia de um centro de cultura: 1) “uma concepção geral de vida” e 2) “um programa escolar”, isto é, “um princípio educativo e pedagógico original que interesse e dê uma atividade própria, no seu campo técnico, àquela fração dos intelectuais que é a mais homogênea e a mais numerosa (desde os professores da escola elementar até os

professores da Universidade)” (*idem*, p. 2047).

No que concerne ao item 1, Gramsci focaliza os problemas relacionados à filosofia da práxis e à exigência de superá-los para que essa filosofia viesse a se constituir um ponto de referência para uma “concepção geral de vida”. Então, a filosofia da práxis era objeto de duas diferentes interpretações: a materialista e a idealista, em outras palavras, a assim chamada “corrente ortodoxa”, positivista (representada por Plekanov), e a sua oposta, não positivista (tendo como expoente Otto Bauer) (*idem*, p. 1507). Para afrontar o problema do ponto de vista da organização de um centro de cultura capaz de divulgar uma “concepção geral de vida”, fundada no marxismo, Gramsci propõe, já no Caderno 3 e depois no Caderno 11, que as revistas assumam um tratamento analítico e sistemático das publicações de Antonio Labriola sobre a filosofia da práxis<sup>8</sup>. As suas posições sobre o marxismo, de acordo com as quais a filosofia do marxismo está contida no próprio marxismo, e a sua tentativa para lhe dar uma base científica deveriam ser divulgadas porque contribuiriam para desenvolver a filosofia da práxis e eram pouco conhecidas para além de um pequeno grupo (*idem*, p. 1507).

Quanto ao item 2, a pesquisa de um princípio educativo que guiasse a organização de um centro de cultura, Gramsci encontra esse princípio na escola humanista e o define como o “conceito de trabalho”, reflexão que aparece no caderno 12 (“para a pesquisa do princípio educativo” (*idem*, p. 1540-1541)). No caderno 24, ele reintroduz suas idéias sobre aquele centro homogêneo de cultura, anunciado no Primeiro Caderno, cuja implementação requer duas estratégias fundamentais: a didática e a organizativa (*idem*, p. 2288).

A estratégia didática diz respeito aos métodos de elaboração da cultura e da consciência. Refe-

<sup>8</sup> No Caderno 3 (texto A), Gramsci assinala que, ao contrário da posição de Antonio Labriola (1843-1904), as tendências dominantes recaíam seja no materialismo vulgar, como aquela representada por Plekanov, seja no seu oposto, ligando o marxismo ao kantismo, expressa por Otto Bauer. Por isso, ele propõe que Labriola seja “recolocado em circulação e a sua formulação do problema filosófico deve vir a predominar” (GRAMSCI, 1977, p. 309). O trabalho de difusão de Labriola tinha em conta que, com a existência de “um novo tipo de Estado, nasce [concretamente] o problema de uma nova civilização e daí a necessidade de elaborar as concepções mais gerais, as mais refinadas e decisivas” (*ibidem*).

re-se à aquisição de um pensamento metódico, o qual depende de uma “especialização”, pois, para Gramsci, o pensamento lógico não é espontâneo, mas depende de uma técnica. Os intelectuais têm um método próprio de pensar que opera com indução e dedução, sistema do qual carece a maior parte das pessoas (*idem*, p. 2267). O trabalho de educação de um método para pensar é complexo, mas é uma tarefa fundamental à organização de um centro homogêneo de cultura. É um trabalho que “deve ser articulado e graduado: deve haver a dedução e a indução combinadas, a identificação e a distinção, a demonstração positiva e a destruição do velho. Mas não em abstrato e sim em concreto; com base no real e na experiência efetiva” (*idem*, p. 2268).

Já a estratégia organizativa de um “centro unitário de cultura”, Gramsci a formula tendo como referência a atividade editorial das revistas, seja quanto à organização do seu trabalho de publicação, seja quanto à sua atuação na sociedade para esclarecer idéias e difundir um modo de pensar. Ele se preocupa com aquela parte do “público que é muito ativa intelectualmente, mas apenas em estado potencial” (*idem*, p. 2263) e que poderia ser estimulada culturalmente com o trabalho das revistas. A atividade jornalística, entretanto, deveria ir além da satisfação das necessidades de “certa categoria” social. Deveria também “criar e desenvolver essas necessidades e assim promover, num certo sentido, o seu público, estendendo progressivamente a sua área” (*idem*, p. 2259). Essa é a concepção de Gramsci sobre o “jornalismo integral”. Seu horizonte é a emergência de “outra situação”, na qual fosse possível “construir um edifício cultural completo”, que seguisse princípios “racionais”, isto é, tivesse determinadas premissas e determinados fins a serem alcançados (*idem*, p. 2259). Enfim, uma nova civilização.

A atividade editorial das revistas, portanto, faz parte da construção do edifício cultural completo. As revistas do chamado “primo Novecento”, primeiras décadas do século XX, tinham assumido a função de promotoras de idéias e de projetos, também no plano social e cultural, além daquele estritamente literário<sup>9</sup>. Gramsci as classifica em três tipos, de acordo com o modo de sua

compilação, o tipo de leitor ao qual se dirigem e os fins educativos que pretendem atingir: o tipo teórico, o “crítico-histórico-bibliográfico” e o de cultura geral (*idem*, p. 2263).

O primeiro tipo, o teórico, é aquele que combina elementos diretivos com um corpo editorial especializado. É representado pelas revistas *La Critica*<sup>10</sup>, dirigida por Benedetto Croce e impressa em Bari, de 1903 a 1944; *Politica*, fundada em fins de 1918 por Francesco Coppola<sup>11</sup> e Alfredo

que os intelectuais podem, como tais, ter ainda uma função” (LUPERINI, 1978, p. 10). E isso explicaria o sucesso de revistas editadas no campo da política e da cultura.

<sup>10</sup> *La Critica*, uma revista de história e filosofia, foi concebida como um instrumento de hegemonia cultural, sendo a porta-voz de um novo idealismo historicista, o “idealismo crítico” de Croce. A sua publicação tinha o propósito de “sustentar uma determinada ordem de idéias” e se propunha a “discutir livros, italianos e estrangeiros, de filosofia, história, literatura, sem a pretensão de colocar o leitor em contato com todas as publicações sobre argumentos vários, mas selecionando algumas publicações que tivessem, por seu argumento ou por seu mérito, maior interesse, ou melhor, se prestassem a discussões fecundas”. E a revista não pretendia apenas fazer resenhas de novos livros, mas também apresentar “artigos, notas, contribuições, documentos, organizados e direcionados a um único objetivo”: aquele de “preparar o material e tentar um primeiro esquema da história da produção literária e científica italiana do último meio século” (*La Critica apud* DONATI, 2006). Nos primeiros anos da revista, embora a parte concernente à vida intelectual ficasse sob os cuidados de Croce, a parte sobre a filosofia era de competência de Giovanni Gentile, que permaneceu por 20 anos como o seu principal colaborador. Com o advento do fascismo, a amizade entre os dois se rompeu e a revista *La Critica*, agindo nos limites impostos pela situação política, continuaria a ser publicada até o fim de 1944. De acordo com Badaloni e Muscetta, o mais surpreendente na revista foi a “capacidade de Croce de intervir sobre qualquer questão depois de haver reformulado os problemas nos termos da sua filosofia” (BADALONI & MUSCETTA, 1977, p. 53). Mas a questão teórica de fundo da revista, acrescentam os autores, era a relação de hegemonia sobre o marxismo (*idem*, p. 58).

<sup>11</sup> Conhecido como uma das figuras mais representativas do nacionalismo italiano, o napolitano Francesco Coppola (1878-1957) foi um jornalista polêmico e agressivo, desde quando trabalhava nos periódicos *Giornale d'Italia* e *Tribuna*. Depois da eleição para o Parlamento (março de 1909), assumiu sistematicamente uma posição contra o Partido Socialista e os sindicatos. Líder da Associação Nacionalista Italiana (ANI), defendeu uma bandeira antidemocrática e anti-reformista, tendo colaborado com o periódico *L'Idea Nazionale*. Nos anos 1920, Coppola tornou-se um grande difusor da propaganda fascista (cf. D'ALFONSO, 2000).

<sup>9</sup> De acordo com Luperini, as jovens revistas dos primeiros anos do século passado nasceram “da consciência de

Rocco<sup>12</sup>, figuras representativas da história do nacionalismo italiano, ambos nacionalistas convictos, e *Nuova Rivista Storica*, fundada em 1917 por Corrado Barbagallo<sup>13</sup>. Trata-se de revistas organizadas por jornalistas polêmicos, que procuravam renovar o estilo literário, discutindo livros italianos e estrangeiros, de filosofia, história e literatura.

Os redatores que garantem a publicação de revistas do primeiro tipo, assinala Gramsci, devem ser especializados, “capazes de fornecer, com uma certa periodicidade, um material cientificamente elaborado e selecionado” (*idem*, p. 2271). Além disso, devem ter alcançado certo grau de homogeneidade cultural entre si, o que é algo muito complexo e já representa um nível mais elaborado de um movimento intelectual. As revistas do primeiro tipo poderiam ser substituídas ou antecipadas pela publicação de um “Anuário”, o qual, resalta Gramsci, nada tem a ver com a idéia de Almanaque popular, “cuja compilação está ligada qualitativamente ao jornal diário, isto é, organizada com vistas ao leitor médio do cotidiano” (*idem*, p. 2271-2272). O Anuário<sup>14</sup>, ao contrário, deveria ser preparado de acordo com um plano, abran-

gendo muitos anos, de modo a acompanhar o desenvolvimento de um determinado programa, focalizando apenas um tema, cuja abordagem poderia ser subdividida em várias seções que tratassem de questões fundamentais, como “a constituição do Estado, a política internacional, a questão agrária etc.” (*idem*, p. 308).

Já o segundo tipo de revistas, o “crítico-histórico-bibliográfico”, consiste num exame analítico de obras às quais muitos leitores que precisam desenvolver-se intelectualmente não podem, em geral, a elas ter acesso. Para leitores que não têm hábitos científicos, diz Gramsci, seria importante também permitir-lhes o acesso ao complexo processo analítico que deu origem ao ensaio sintetizado, ajudando-os a procurar elaborar uma atividade crítica. Mas não se trata de apresentar-lhes conceitos já elaborados e consolidados e sim de oferecer-lhes uma série de reflexões e nexos intermediários que lhes permitam desenvolver o raciocínio na pesquisa de respostas para os problemas afrontados nos livros. E mais: deve-se fornecer ao leitor o “equipamento” mental para compreender o processo que permite ao redator fazer a resenha do livro.

O segundo tipo é representado pela revista *La Voce*<sup>15</sup>, fundada em 1908 por Giuseppe Prezzolini com o objetivo de renovar a cultura italiana e de

<sup>12</sup> Alfredo Rocco (1875-1935) é considerado um dos principais “arquitetos” do regime fascista. São poucos os intelectuais que, como ele, conseguiram descrever a crise do Estado liberal que caracterizou os 20 anos que precederam o advento do fascismo. Rocco se inscreveu na Associação Nacionalista Italiana (ANI) em 1913 e começou a publicar suas idéias sobre diversos temas políticos, assumindo uma posição claramente autoritária e apresentando propostas que depois seriam utilizadas pelo fascismo, quando ele passaria a responder pelo Ministério da Justiça do governo de Mussolini, no período 1925-1932 (cf. D’ALFONSO, 2002).

<sup>13</sup> Corrado Barbagallo (1877-1952) foi um historiador que se ocupou de problemas da História, em geral, e da metodologia historiográfica, em particular, tendo se especializado em História Antiga. Quando jovem, aproximou-se do socialismo e tentou fazer uma reforma historiográfica do materialismo histórico. Criticou a posição política de Croce na época da Primeira Guerra Mundial, mas apreciou sua obra *Teoria e storia della storiografia* (1916). A *Nuova Rivista Storica*, que fundou em 1917, tinha um programa renovador na historiografia político-social *lato sensu*. A atividade da revista era de polêmica e Barbagallo criticava tanto o idealismo quanto o filologismo, avizinando-se do positivismo e do evolucionismo (cf. *Dizionario biografico degli italiani*, 1960).

<sup>14</sup> Gramsci descreve as características do Anuário no Caderno 3, p. 308. Trata-se de um texto de tipo A que, conso-

ante a classificação de Gerratana, organizador da edição crítica dos Cadernos, seria reescrito num texto de tipo C, já que os textos de Gramsci que não ganharam uma segunda redação são classificados como B. Mas em novas notas do Caderno 4, p. 484, também texto A, Gramsci diz que o Anuário deveria conter os trabalhos produzidos colegiadamente na atividade de tipo editorial, depois de serem apreciados. Trata-se do Anuário ao qual ele já havia se referido precedentemente, isto é, nas notas do Caderno 3. O correspondente texto C dessa discussão está no Caderno 12, p. 1533, no qual Gramsci discute o problema da atividade colegiada, no âmbito de sua análise sobre escola, mas não se refere ao Anuário. No Caderno 24, no qual Gramsci aborda novamente o Anuário, ele já não explicita mais as suas características (apresentadas no Caderno 3), embora essa ausência não pareça significar que ele as teria suprimido da confecção de um Anuário.

<sup>15</sup> *La Voce* foi fundada em Florença, em 20 de dezembro de 1908, por Giuseppe Prezzolini (1882-1982), escritor e jornalista. Inicialmente seguidor da filosofia de Bergson, depois ele se aproxima do pensamento de Croce. *La Voce* teve como propósito renovar a cultura italiana e realizar uma reeducação moral, política e artística, atraindo a atenção para a nova modernidade. Prezzolini solicitou para a revista a colaboração de numerosas personalidades pertencendo

chamar a atenção para a modernidade; pela revista *L'Unità*<sup>16</sup>, dirigida por Gaetano Salvemini (cujo pseudônimo era Rerum Scriptor) de 1911 a 1920; bem como os fascículos mais bem-sucedidos da revista *Leonardo*<sup>17</sup>, dirigida por Luigi Russo. Essas são revistas combativas, mas não são mera-

centes ao mundo liberal, tais como Giovanni Papini (1881-1956), Benedetto Croce, Giovanni Amendola, Emilio Cecchi, Romolo Murri, Luigi Einaudi e Gaetano Salvemini. *La Voce*, segundo Luperini, não se identificou com um programa preciso ou mesmo com um grupo de orientação política definida, mas teve a colaboração de intelectuais originários de diversos grupos sociais e políticos e das forças politicamente organizadas do país cujo ideal comum que partilhavam era o desejo de “intervir sobre a realidade como intelectuais, como portadores de valores intelectuais” (LUPERINI, 1978, p. 18). Para o autor, uma personalidade que influenciou politicamente *La Voce* e o seu diretor, Prezzolini, foi Salvemini. Este levou a revista a tomar posição sobre o sufrágio universal e sobre o problema meridional, dentre outros assuntos. Contudo, ele não consegue fazer de *La Voce* uma revista prevalentemente política como gostaria. Por isso, a abandona. Depois que Salvemini deixa *La Voce*, em fins de 1911, a revista assume um caráter mais literário e artístico. No início de 1914, a revista passa por uma transformação e Prezzolini será o responsável por uma nova orientação: a “revista do idealismo militante” (LUPERINI, 1978, p. 27). A partir do final de 1914, a revista passa à direção de Giuseppe De Robertis, quando se rompe o elo entre política e cultura.

<sup>16</sup> O *L'Unità*, semanário de cultura e política, foi criado em Florença, em 16 de dezembro de 1911, por Gaetano Salvemini (1873-1957), quando este rompeu sua colaboração com *La Voce* e saiu do Partido Socialista Italiano. A revista, que deixa de ser publicada em 30 de dezembro de 1920, teve a colaboração de personalidades meridionais, como Giustino Fortunato, Antonio De Viti De Marco (líder do movimento liberal) e Benedetto Croce. Em sua existência, *L'Unità* procurou afrontar diversos problemas na Itália, como a questão meridional, a corrupção política e eleitoral, a reforma tributária, escolar e administrativa. No que diz respeito à crítica dirigida à administração central, Cassese observa que ela não constituiu uma “autêntica contestação do poder administrativo, porque permanecia superficial, satisfazendo-se em afirmar que a burocracia equivalia, de todo modo, ao conservadorismo” (CASSESE, 1981, p. 519).

<sup>17</sup> Aqui, Gramsci alude à revista *Leonardo* de Luigi Russo. Houve uma revista também chamada *Leonardo* fundada por Prezzolini e Papini, em 1903, cujo último número saiu em 1907, sob a direção de Prezzolini. A revista tinha influência do pensamento de R. Steiner e F. Nietzsche e tencionava realizar uma regeneração antiacadêmica da cultura italiana. Já a outra revista *Leonardo*, referida por Gramsci, foi fundada em 1925 e era publicada pela Sociedade Leonardo, com a finalidade de difundir a cultura italiana no exterior. Até o final de 1925, a revista foi dirigida

mente de propaganda. Realizam a difusão de idéias, como o meridionalismo salveminiano, a renovação do idealismo, no caso da *La Voce*, tentam mudar o ambiente e os hábitos intelectuais e são portadoras de propostas políticas.

Para o tipo de revista “crítico-histórico-bibliográfico”, Gramsci apresenta sete itens que poderiam compor a sua elaboração: 1) um dicionário enciclopédico político-científico-filosófico; 2) as biografias, que podem ser compreendidas em dois sentidos: a) em referência a toda vida de um homem que possa interessar à cultura geral de certo estrato social, b) relativo a um nome histórico que possa entrar num dicionário enciclopédico a propósito de um determinado conceito ou de um evento histórico de destaque; 3) autobiografias<sup>18</sup> político-intelectuais, que se bem construídas podem ser de “grande eficácia formativa” (*idem*,

por Prezzolini, mas, então, Giovanni Gentile convida Luigi Russo para assumir a direção de *Leonardo*. Mais do que um simples boletim bibliográfico ou de coletânea de resenhas, Russo reorganizou as seções da revista, conseguiu a colaboração de muitos jovens articulistas e soube dar à revista um tom crítico e combativo, distanciando-se do mero caráter informativo que estava em seu programa de fundação. Uma das preocupações de Russo é a de manter a unidade da cultura idealista, que estava dividida com os contrastes políticos entre Gentile e Croce. Gentile procura intervir para manter a revista como coletânea de resenhas bibliográficas, principalmente a partir de 1927, quando a *Leonardo* conquista um caráter mais oficial e é publicada sob os auspícios do Instituto Nacional Fascista de Cultura. Mas a tentativa de Russo de garantir a unidade da frente de cultura idealista entra em crise em 1928, quando Croce publica *Storia d'Italia* (1930-1943), aguçando as diferenças entre ele e Gentile. Em fins de 1929, a revista *Leonardo* se funde com *I libri del giorno*, da editora Treves, uma revista bibliográfica, fundada em 1918 e que, a partir de janeiro de 1930, tem como diretor Federico Gentile, filho de Giovanni Gentile. As tensões entre Russo e Gentile aumentam e, em 18 de dezembro de 1930, Russo anuncia a criação da revista mensal *La nuova Italia*, publicada por editora homônima. Croce teve um papel decisivo para o nascimento do novo periódico, junto a amigos como Luigi Albertini, Alessandro Casati e Giustino Fortunato. Nas páginas da *Nuova Italia*, Russo e Adolfo Omodeo iniciam uma polêmica com Gioacchino Volpe, que provoca a reação de Gentile contra os dois antigos discípulos, seja em cartas ou discursos. O agravamento das divergências entre Russo e Gentile culmina em uma crise que leva Russo a perder a direção da revista *Leonardo* em 1931 (PERTICI & RES-  
TA, 1997, p. 5-13).

<sup>18</sup> Gramsci justifica a autobiografia dizendo o seguinte: “Uma das justificativas pode ser esta: ajudar outros a desenvolver-se de acordo com certas perspectivas e em dire-

p. 2226); 4) análise crítico-histórico-bibliográfica das situações regionais; 5) uma seleção sistemática de jornais e revistas para a parte que interessa aos itens fundamentais abordados; 6) resenhas de livros, que podem ser de dois tipos: a) crítico-informativo, no qual se supõe que o leitor não pode ler um determinado livro, mas que lhe possa ser útil conhecer o seu conteúdo e b) teórico-crítico, o que supõe que o leitor deva ler um determinado livro, o qual não será simplesmente resenhado, mas será objeto de uma análise crítica, ressaltando seus aspectos positivos e negativos e 7) uma seleção bibliográfica crítica, organizada por temas ou grupo de questões (*idem*, p. 2267).

As resenhas críticas também são analisadas no caderno 8, sob a rubrica “revistas tipo” (Cf. GRAMSCI, 1977, p. 976: Caderno 8, “Revistas tipo. As resenhas. Texto B”). Ali, Gramsci assinala a existência de diversos tipos de resenhas, tendo em vista o tipo público e o objetivo de estimular um determinado movimento cultural. Ele destaca dois tipos de resenha, o sintético (esquemático) e o crítico<sup>19</sup>. A resenha de tipo sintético destina-se aos livros cuja leitura o grupo

redator considera necessário recomendar, mas cujos limites e cujas deficiências parciais são claramente indicadas. Já a resenha crítica tem uma grande importância para Gramsci, pois é por ele considerada uma contribuição do resenhista à abordagem do tema examinado no livro resenhado. Por isso, ela não pode expressar uma generalidade de juízos críticos, mas exige para sua confecção resenhistas especializados (*idem*, p. 976).

O terceiro tipo de revista, o de cultura geral<sup>20</sup>, deveria combinar alguns elementos do segundo tipo (o “crítico-histórico-bibliográfico”) com o tipo de semanário inglês, tal como o *Manchester Guardian Weekly* e o *Times Weekly*<sup>21</sup>. Gramsci se refere, principalmente, aos suplementos desses jornais porque considera que um cotidiano bem feito poderia ter suplementos mensais que penetrariam aonde dificilmente um cotidiano penetraria. Os suplementos deveriam ter um formato diferente daquele dos diários, mesmo se tivesse o título do cotidiano, seguido do título da matéria a ser tratada. Ele considera três tipos de suplementos. O primeiro é o literário, que deveria tratar de filosofia, arte e teatro. Esse suplemento deveria também ter uma parte dedicada à escola. O segundo deveria focalizar a economia, a indústria, o sindicato, aproximando-se de um semanário político, resumindo toda a política da semana. O terceiro teria uma parte especificamente agrícola, destinada aos camponeses que não lêem os cotidianos. Além disso, deveria ter um suplemento

ção a certas finalidades. Frequentemente, as autobiografias são um ato de orgulho: se crê que a própria vida seja digna de ser narrada porque ‘original’, diferente de outras, porque a própria personalidade é original, diferente de outras, etc. A autobiografia pode ser concebida ‘politicamente’. Sabe-se que a própria vida é semelhante àquela de mil outras vidas, mas que por ‘acaso’ ela teve um resultado que as outras muitas não puderam ter e não tiveram de fato. Fazendo-se a narrativa, cria-se essa possibilidade, sugere-se o processo, indica-se a finalidade. A autobiografia substitui, portanto, o ‘ensaio político’ ‘filosófico’: se descreve em ato aquilo que, de outra maneira, se deduz logicamente. É certo que a autobiografia tem um grande valor histórico, na medida em que mostra a vida em ato e não apenas como deveria ser segundo as leis escritas ou princípios morais dominantes” (GRAMSCI, 1977, p. 1718).

<sup>19</sup> Gramsci se refere inicialmente aos dois tipos de resenha, o sintético e o crítico, no Caderno 1 (cf. GRAMSCI, 1977, p. 33).

<sup>20</sup> No Caderno 1, Gramsci (1977, p. 26) tinha se referido à revista *L'Italia che scrive* como um exemplo do terceiro tipo de revista. Já em 1919, tinha escrito um artigo, no *Grido del Popolo*, saudando a iniciativa de Angelo Fortunato Formigini (1878-1938) de publicar aquela revista, que prometia se “tornar um ótimo e utilíssimo instrumento de cultura” (GRAMSCI, 1982, p. 805). Trata-se de um periódico de informação bibliográfica, dirigido por Formigini de 1918 a 1938. A revista, que se propunha a difundir resenhas da produção literária italiana contemporânea, se

insere no âmbito de outras iniciativas culturais de Formigini, como o Instituto para a Propaganda da Cultura Italiana (IPCI), fundado em 14 de março de 1921, que em seguida mudaria o seu nome para Fundação Leonardo para a Cultura Italiana, por proposta de Giovanni Gentile. Em 1923, Formigini seria excluído da Fundação, que em 1925 seria absorvida pelo Instituto Nacional Fascista de Cultura. Um outro projeto de Formigini foi a criação da Biblioteca Circulante da revista *L'Italia che scrive* (ICS), com o objetivo de colocar à disposição do público os livros que a revista recebia para realizar as resenhas. Sendo hebreu, foi obrigado a abandonar a sua atividade de editor depois da sanção das leis raciais, em 1938 e, diante disso, decide suicidar-se (cf. BONAZZI, s/d; BALSAMO & CREMANTE, 1981; ANDERLINI, 1999; MANICARDI, 2001).

<sup>21</sup> Segundo Gerratana, Gramsci tinha “seguido no cárcere, por algum tempo, o suplemento do semanário ‘Times’ (*Times Weekly*)”, mas depois o substituíra pelo suplemento do *Manchester Guardian* (*Manchester Guardian Weekly*)” (nota de Gerratana *apud* GRAMSCI, 1977, p. 3021).



esportivo (*idem*, p. 727). Gramsci considera que, na falta de um centro político e intelectual nacional na Itália, deveria ter muito sucesso um tipo de suplemento semanal no modelo inglês, tal como o *Observer* ou o *Times Sunday*, que a cada semana informa os leitores que não lêem o jornal ou que desejam ter um quadro sintético da vida de toda a semana. O tipo de semanário tradicional italiano, ao contrário, tinha um caráter provinciano, sem interesse pela própria vida nacional, dando grande importância à polêmica pessoal (*idem*, p. 776-777).

No tipo de revista de cultura geral, Gramsci menciona a revista *Osservatore*<sup>22</sup>, publicada em Veneza (de 1761 a 1762) e dirigida por Gasparo de Gozzi, cuja inspiração vinha da revista *Spectator*<sup>23</sup>, publicada em Londres por Joseph Addison, em colaboração com Richard Steele (de 1711 a 1714). É um tipo de revista moralizante do século XVIII, que equilibrava o interesse pela crônica e o jornalismo com o gosto pela escrita nar-

rativa e moralista. O seu significado histórico e cultural, assinala Gramsci, foi o de “difundir uma nova concepção da vida, servindo de anel de passagem, para o leitor médio, entre a religião e a vida moderna” (*idem*, p. 2270). Ele observa que esse tipo de revista degenerou-se, tendo sido conservado sobretudo no campo católico, enquanto no campo da civilização moderna transformou-se: a “crítica construtiva” aos costumes desembocou nas revistas humorísticas (*ibidem*).

Como exemplo de variação do tipo de revista de “bibliografia universal e enciclopédica”, que critica o conteúdo a partir de uma perspectiva moralizadora, extraindo seus motivos dos livros para fazer a crítica dos costumes e das concepções de mundo (opiniões e pontos de vista), Gramsci refere-se a duas revistas: a *Frusta Letteraria*<sup>24</sup>, de Giuseppe Baretti, e a *Lacerba*<sup>25</sup>, uma revista literária florentina, fundada em 1913 por Giovanni Papini e Ardengo Soffici.

<sup>22</sup> Na revista *Osservatore*, Gasparo Gozzi (1713-1786) escreve polemicamente contra as modas e as manias do seu tempo, concentrando-se na análise e na crítica dos costumes. Ao lado das notícias sobre coisas para vender, comprar, alugar, achados e perdidos, o preço das mercadorias etc., encontrava-se a crônica direta, irônica, indiscreta e aparentemente inocente do jornalista sobre as cenas da vida cotidiana (cf. <<http://www1.provincia.venezia.it/smac/ice96/giorna.html>, <<http://www.provincia.venezia.it/mfosc/studenti/gozzi/gozzi.html>> Acesso em: 19 abr. 2006).

<sup>23</sup> O jornal inglês *Spectator* foi um modelo de prosa e de estilo para os periódicos italianos, especialmente em Veneza, por ter concebido o ensaio literário como artigo jornalístico, acessível a um grande público, instituindo uma ligação entre periódico e literatura. O periódico fazia a crítica dos costumes ao estabelecer uma estreita relação com a vida do seu tempo, da qual extraía a matéria de discussão. Assim, a intenção moralista encontrava a sua realização concreta na observação e na análise de uma sociedade exclusivamente inglesa, que era então amplamente descrita (cf. <<http://www.provincia.venezia.it/mfosc/studenti/gozzi/gv.html>> Acesso em: 19 abr. 2006). Sobre a revista *Lacerba* (1913-1915), Luperini afirma que ela resultou de uma ruptura consciente de Papini e Soffici com Prezzolini, pois eles tinham amadurecido uma concepção diferente da relação entre arte, cultura e política, atribuindo à literatura e à arte uma função de totalidade (LUPERINI, 1978, p. 28). Para o autor, *Lacerba* teve um “papel literário preciso ao difundir o futurismo italiano e ao afrontar algumas questões próprias de cada moderna vanguarda artística e por isso ainda hoje atuais” (LUPERINI, 1978, p. 28). No entanto, quando se desenha a situação de guerra, a revista assume um papel preponderante em seu favor, de cunho nacionalista, abandonando o interesse exclusivo pela arte.

<sup>24</sup> A *Frusta Letteraria*, fundada por Giuseppe Baretti (1719-1789), foi publicada quinzenalmente em Veneza, de 1º de outubro de 1763 a 15 de janeiro de 1765, ano em que foi proibida pelo governo da cidade, devido aos seus ataques ao padre Appiano Buonafede. Como a revista de Gozzi, de quem Baretti é contemporâneo, a *Frusta Letteraria* também se insere na tipologia do *Spectator*. Baretti escreve para a revista assumindo-se como Aristarco Scannabue, pretendendo ser um velho soldado aposentado, que polemizava contra a poesia bucólica, a erudição acadêmica, o puritanismo religioso. Usando a arma da comédia e da ironia, atacou decididamente as academias e defendeu o estilo direto, a espontaneidade da forma, a predominância do conteúdo, a expressão sincera do crítico e a escolha de um vocabulário vigoroso. Para Bini (2003), a *Frusta Letteraria* “transfere para o âmbito literário exigências próprias da civilização iluminista, conferindo-lhe uma profunda ressonância espiritual”. Ainda segundo o autor, a revista não tinha como maior preocupação estabelecer uma polêmica formalista e acadêmica, mas se atinha a uma reivindicação de conteúdos morais, o que caracterizaria Baretti como uma figura expressiva da nova atmosfera pré-romântica. O modelo para a crítica literária e moral da *Frusta Letteraria*, segundo Samaritani (2001), teria sua referência nos jornais ingleses de Samuel Johnson, de quem Baretti tornou-se amigo quando de seu exílio voluntário em Londres, em 1751. Baretti condenou como plebéias as comédias de Carlo Goldoni. O amigo de Gramsci, Piero Gobetti (1901-1926), liberal e antifascista, chamará a sua revista de crítica literária, fundada em 1924, *Il Baretti*.

<sup>25</sup> A revista *Lacerba* (1913-1915) tem em conta o movimento futurista milanês, já ativo desde 1909. Ardengo Soffici (1879-1964), pintor e escritor italiano do “primo Novecento”, fundou a revista junto a Giovanni Papini. Em seguida, colaborou com a *Leonardo* de Papini, com a *Riviera*

O tipo de revista de cultura geral, segundo Gramsci, é aquele que pertence “[...] à esfera do ‘senso comum’ ou ‘bom senso’, porque o seu fim é o de modificar a opinião média de uma certa sociedade, criticando, sugerindo, caçoando, corrigindo, reformulando e, definitivamente, introduzindo ‘novos lugares comuns’. Se bem escritas, com brio, com um certo senso de destaque (de modo a não assumir tons professorais), mas de todo modo com interesse cordial pela opinião média, as revistas desse tipo podem ter difusão e exercer uma profunda influência” (*idem*, p. 2271).

Ainda no que diz respeito à questão dos costumes – e da cultura – Gramsci aborda a ausência de uma perspectiva “cosmopolita” das classes subalternas que, em nível internacional, estão muito mais distantes de outras classes subalternas. Mesmo se “cosmopolitas” por programa e pelo destino histórico, não o são pelos costumes e pela cultura real. Já as classes dominantes estão mais próximas entre si no campo dos costumes e da cultura. A reflexão de Gramsci sobre as “revistas tipo” tem em vista justamente esse objetivo: organizar condições que propiciem a elevação cultural das classes subalternas, para criar uma consciência homogênea e, assim, construir a sua hegemonia.

Cada tipo de revista deveria ser caracterizado, afirma Gramsci, “por uma tendência intelectual muito unitária e não antológica, isto é, deveria ter uma redação homogênea e disciplinada; portanto, poucos colaboradores “principais” deveriam escrever o corpo essencial de cada fascículo. O grupo redator deveria ser fortemente organizado de modo a realizar um trabalho homogêneo intelectualmente, na necessária variedade do estilo e das personalidades literárias: a atividade editorial deveria ter um estatuto escrito que, por aquilo a que pode servir, impeça as digressões, os conflitos, as contradições (por exemplo, o conteúdo de cada fascículo deveria ser aprovado pela maioria dos redatores antes da publicação)” (*idem*, p. 2263).

Para Gramsci, um “organismo unitário de cultura” que difundisse os três tipos de revista, mantendo entre eles um espírito comum, permitiria responder às exigências de um público cuja vida intelectual é potencialmente muito ativa, mas ainda tem necessidade de ser elaborada, transformada e homogeneizada segundo um “processo de desenvolvimento orgânico que conduza do sim-

ples senso comum ao pensamento coerente e sistemático” (*ibidem*).

Diante do desafio de dedicar-se a um público que apenas inicia a vida cultural, as publicações realizam uma atividade indispensável para o seu saber. Todavia, a revista não pode criar o interesse intelectual e científico onde ele não existe ou substituir o “cérebro pensante” (*idem*, p. 975).

Quando o objetivo de uma atividade cultural é o de atingir um público que tem uma cultura média ou apenas está iniciando a vida cultural, Gramsci considera que o serviço de informações críticas<sup>26</sup> sobre todas as publicações a respeito de um determinado tema é obrigatório. Não é possível a ninguém acompanhar individualmente todas as publicações sobre um grupo de temas ou mesmo sobre um só tema (*idem*, p. 975). Todavia, a revista pode mantê-lo informado de tudo o que é publicado sobre assuntos de seu interesse (no caso dos governantes, estes dispõem de uma secretária ou um escritório de imprensa que desempenha o papel de garantir informações exigidas para o seu saber).

A perspectiva de Gramsci é a de que o trabalho educativo das revistas contribua para a aquisição de uma consciência própria, tendo em mira a elevação do nível cultural das classes subalternas para que elas possam se transformar em classe dirigente. Eis que sua abordagem sobre a formação de dirigentes reativa a conexão entre a atividade editorial das revistas e a organização da escola.

*Ligure* dos Fratelli Novaro e com a *La Voce* de Prezzolini, na qual publicava crítica de arte, favorecendo a difusão na Itália do impressionismo e do pós-impressionismo francês. Nos anos 1920, tornou-se um defensor do fascismo em ascensão e foi um dos primeiros colaboradores do *Popolo d'Italia*, revista fundada por Benito Mussolini, em novembro de 1914 (cf. CIRCE, 2006). Sobre a revista *Lacerba* (1913-1915), Luperini afirma que ela resultou de uma ruptura consciente de Papini e Soffici com Prezzolini, pois eles tinham amadurecido uma concepção diferente da relação entre arte, cultura e política, atribuindo à literatura e à arte uma função de totalidade (LUPERINI, 1978, p. 28). Para o autor, *Lacerba* teve um “papel literário preciso ao difundir o futurismo italiano e ao afrontar algumas questões próprias de cada moderna vanguarda artística e por isso ainda hoje atuais” (LUPERINI, 1978, p. 28). No entanto, quando se desenha a situação de guerra, a revista assume um papel preponderante em seu favor, de cunho nacionalista, abandonando o interesse exclusivo pela arte.

<sup>26</sup> Cf. Gramsci (1977, p. 975-976), Caderno 8, no qual o tema é abordado sob a rubrica “Revistas tipo”.

### III. A ATIVIDADE EDITORIAL E A ESCOLA UNITÁRIA: A FORMAÇÃO DE DIRIGENTES

Gramsci considera que, com a complexidade das sociedades industriais e o entrelaçamento entre ciência e vida, surgiram duas grandes dicotomias na clássica formação da classe dirigente.

Uma delas diz respeito à divisão da atividade dos órgãos deliberativos em dois aspectos orgânicos: de um lado, a atividade deliberativa, “que lhe é essencial” e, de outro, a atividade técnico-cultural, por meio da qual “as questões sobre as quais se deve tomar decisões são primeiramente examinadas por especialistas e analisadas cientificamente” (*idem*, p. 1532). Tal diferenciação interna aos órgãos deliberativos produziu uma nova estrutura no corpo burocrático. Desse modo, “além dos escritórios especializados de especialistas que preparam o material técnico para os corpos deliberativos, cria-se um segundo corpo de funcionários, mais ou menos ‘voluntários’ e desinteressados, escolhidos por sua vez na indústria, no banco, no sistema financeiro” (*ibidem*). Esse novo corpo de funcionários, segundo Gramsci, deu lugar a uma hierarquia de especialistas que assumiu o controle dos regimes democráticos e dos parlamentos.

A nova caracterização dos especialistas abriu uma crise no tipo tradicional de dirigente que, “preparado apenas para as atividades jurídico-formais, se torna anacrônico e representa um perigo para a vida estatal”. Configura-se, então, um novo perfil de dirigente, o qual “deve ter aquele mínimo de cultura geral técnica que lhe permita, senão ‘criar’ autonomamente a solução correta, ao menos saber julgar as soluções apresentadas pelos especialistas e assim selecionar aquela mais adequada do ponto de vista ‘sintético’ da técnica política”. Assim, passa a ser necessário mudar a formação do pessoal técnico-político de acordo com as exigências da grande sociedade moderna, bem como de “elaborar novos tipos de funcionários especializados que integrem de forma colegiada a atividade deliberativa” (*ibidem*).

Ao tratar das mudanças na qualificação do dirigente, que acentuam a exigência de uma preparação técnica para a análise científica das questões sobre as quais se deve tomar decisões em colegiado, Gramsci acrescenta que já havia anteriormente abordado a atividade de um “colegiado

deliberativo”. Foi quando examinou o que acontece nas redações de algumas revistas que funcionam, ao mesmo tempo, como redações e como círculos de cultura, cuja atividade é organizada segundo um plano e uma divisão do trabalho racionalmente estabelecida (*idem*, p. 1533).

Assim, quando discute novos aspectos da formação de dirigentes, Gramsci retoma suas idéias sobre a organização das revistas e dos seus métodos de trabalho (sugestões, conselhos, indicações metodológicas, crítica construtiva, educação recíproca). Na atividade de publicação, cada especialista realiza discussões e críticas sobre um determinado argumento, de modo colegiado, que contribuem para compor uma competência coletiva, isto é, para elevar o nível médio de cada redator, considerado individualmente, ao nível do mais bem preparado e capacitado. Essa forma de trabalho permite que a revista tenha uma colaboração sempre mais selecionada e orgânica, bem como “um grupo homogêneo de intelectuais preparados para produzir uma atividade editorial regular e metódica” (*ibidem*). A ênfase sobre um trabalho metódico tem também o objetivo de combater o diletantismo e a improvisação, aspectos que Gramsci considerava incompatíveis com a formação de dirigentes.

A outra fragmentação ocorrida na formação de dirigentes consistia no dualismo da escola, que teve lugar quando esta foi dividida em escola clássica humanista, para preparar dirigentes, e outra, de tipo profissional, para as classes subalternas. Para afrontar tal dicotomia, Gramsci propõe a escola unitária, de cultura geral e técnica (*idem*, p. 1531). O princípio unitário nasce daquela perspectiva de criar uma nova situação, em que exista unidade entre o trabalho industrial e o trabalho intelectual. Uma nova civilização. A organização prática da escola unitária, que tem em vista a elevação cultural das massas populares, é concebida a partir da atividade editorial das revistas. Por sua vez, ao serem formuladas, as linhas de funcionamento da escola unitária também passam a orientar a organização de toda a atividade cultural.

Assim, da análise da atividade editorial das revistas como estratégia para formar o novo dirigente, retornamos à organização da escola unitária, que foi o nosso ponto de partida. A escola unitária se integra ao “edifício” das organizações culturais, que deveria se constituir de forma centralizada em torno da sistematização do saber, ex-

pansão e criação intelectual para impulsionar a cultura nacional (*idem*, p. 1539). Apenas desse modo o conjunto das organizações culturais existentes deixaria de ser “cemitérios de cultura”. As instituições culturais, desde as academias, passando pelos institutos de cultura, círculos filológicos, até chegar às universidades, deveriam ser reorganizadas de acordo com o princípio da unificação, convertendo-se numa organização cultural viva, por meio de uma estreita colaboração entre os que se inserem no mundo do trabalho e aqueles que estão no mundo acadêmico e na universidade. O objetivo é o de suprimir o abismo entre alta cultura e vida, entre intelectual e povo para realizar aquele nexos entre Renascimento e Reforma, expresso na idéia de que a formação de uma elite e a educação das grandes massas populares constituem a mesma atividade.

#### IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O nexos estabelecido por Gramsci entre a organização da escola unitária e o trabalho editorial das revistas se relaciona tanto à experiência que adquiriu em sua intensa atividade jornalística, desde a juventude, quanto à centralidade que tem a cultura no processo de emancipação humana por ele concebido.

Já no seu artigo “Socialismo e cultura” (*Il grido del popolo*, de 29 de janeiro de 1916), ele retoma a interpretação política dada por Giambattista Vico ao princípio filosófico grego do “conhece-te a ti mesmo”. Diz que isso “significa ser em si mesmo, significa ser patrão de si mesmo, distinguir-se, sair do caos, ser um elemento de ordem, mas da própria ordem e da própria disciplina em direção a um ideal” (GRAMSCI, 1973, p. 70). Era uma resposta à polêmica com Amadeo Bordiga, para quem a instrução não era necessária para se tornar socialista<sup>27</sup>. Gramsci, ao contrário, entendia que a cultura é o meio pelo qual se torna possível “compreender o próprio valor histórico, a

própria função na vida, os próprios direitos e os próprios deveres” (*idem*, p. 68). Essa compreensão, contudo, “não pode acontecer por evolução espontânea, por ações e reações independentes da própria vontade [...] pela lei determinante das coisas” (*ibidem*). Mais tarde, no cárcere, ele volta ao problema. Critica o erro “iluminista” de pensar que as mudanças nos modos de pensar, nas crenças populares, nas opiniões, realizam-se por meio de “explosões” rápidas e generalizadas (GRAMSCI, 1977, p. 34, 2268). Afirma que a ruptura com o senso comum, a elaboração de uma consciência crítica e coerente tem início no “conhece-te a ti mesmo”, “como produto do processo histórico até agora desenvolvido e que deixou em ti mesmo uma infinidade de traços que foram acolhidos sem o benefício do inventário. É necessário, inicialmente, fazer tal inventário” (*idem*, p. 1376).

Na Itália que Gramsci conheceu, o analfabetismo das massas populares ainda era muito grande<sup>28</sup>. Se a legislação escolar instituiu e ampliou a obrigatoriedade escolar (Lei Casati, 1859; Lei Coppino, 1877; Lei Orlando, 1904), isso não significava que ela obrigasse as pessoas a aprender (GRAMSCI, 1982, p. 17). E a propaganda socialista, na opinião que Gramsci formula em 1917, havia feito muito mais pela alfabetização do que todas as leis sobre o ensino obrigatório. Ainda que em seus escritos mais maduros do cárcere Gramsci enfatize a democratização da escola como um aspecto positivo para a organização cultural dos trabalhadores, e também necessário, ele continuará sustentando a idéia de que a atividade de difusão do socialismo é, ao mesmo tempo, uma atividade de elevação cultural das massas populares. Sua atuação como jornalista estava em sintonia com esse princípio.

De 1915 até sua prisão, Gramsci tem uma intensa atividade jornalística. No âmbito do movimento socialista de Turim, a sua experiência se desenvolve com a participação no *Il grido del popolo*, semanário da Federação Socialista, de agosto de 1917 a setembro de 1918. É também em 1915 que ele começará sua colaboração com o *Avanti!*, órgão oficial do Partido Socialista Italiano, publicado como diário desde 1896. Em 1917, ele se torna

<sup>27</sup> Entre 20 e 23 de setembro de 1912, ocorreu em Bolonha o Congresso de jovens socialistas sobre o tema “a educação e a cultura da juventude”. Na ocasião, Amadeo Bordiga sustentou que não se deveria supervalorizar os estudos, afirmando, dentre outras coisas, que “Não nos tornamos socialistas com a instrução, mas pelas necessidades reais da classe a que pertencemos”. Ângelo Tasca criticou essa posição, sustentando a exigência de uma renovação intelectual do socialismo italiano. E Bordiga chamou Tasca e os seus defensores de “culturalistas” (cf. GRAMSCI, 1973, p. 67, nota 1).

<sup>28</sup> O analfabetismo na Itália estava em cerca de 80% em 1861; 62% em 1881; 38% em 1911 e 21% em 1931. Contudo, em 1922, ainda era superior a 49% na região meridional (cf. CIPOLLA, 1971).

secretário da seção executiva do ramo piemontês do Partido Socialista e começa a dirigir *Il grido del popolo*. Além disso, encarrega-se da redação da *La città futura*, uma revista concebida para educar os jovens socialistas. Essa situação continua até 1918, quando cessa a publicação dessa revista e surge a redação piemontesa do *Avanti!*, da qual Gramsci participa. Em 1919, ele se encontra entre os fundadores do *Ordine Nuovo*, resenha semanal de cultura socialista, junto a Palmiro Togliatti, Ângelo Tasca e Umberto Terracini. Depois da cisão do Partido Socialista Italiano (PSI) e a constituição do Partido Comunista Italiano (PCI), em 1921, a revista é transformada em cotidiano dos comunistas de Turim e Gramsci assume a sua direção.

A revista *Ordine Nuovo* pretendia ser tanto um órgão de luta política quanto instrumento de pesquisa cultural. No campo cultural, Gramsci afirma que a revista se empenhou em formar um novo tipo de intelectual, surgido no mundo moderno, cuja base é a educação técnica, “estritamente ligada ao trabalho industrial mesmo aquele mais primitivo e desqualificado” (GRAMSCI, 1977, p. 1551). O seu objetivo era o de “desenvolver certas formas de novo intelectualismo e [...] identificar seus novos conceitos, e essa não foi uma das razões menores do seu sucesso, porque uma organização como essa correspondia a aspirações latentes e estava em consonância com o desenvolvimento das formas reais de vida” (*ibidem*).

A revista *Ordine Nuovo* havia organizado a “Escola de cultura e propaganda socialista”, em novembro de 1919, o “Grupo de educação comunista”, em agosto de 1920, e o “Instituto de cultura proletária”, em janeiro de 1921. Este último foi concebido como uma seção italiana do Proletkult, organização cultural e educativa dos proletários, independente do partido e do sindicato, fundada na Rússia em 1917 e dirigida por Bogdanov<sup>29</sup> e Lunacharsky<sup>30</sup>. Gramsci comparava o Proletkult

ao grupo Clarté, uma organização internacional de intelectuais por um mundo mais justo e sem guerras, com o qual o *Ordine Nuovo* estabelecera contatos. O Clarté foi formado em 1919, sob a liderança de Romain Rolland (1868-1944) e Henri Barbusse (1873-1935), propondo uma nova relação entre cultura e política. Gramsci afirmava que ambos os grupos pretendiam instaurar uma nova forma de civilização ao favorecer entre os trabalhadores, sejam eles manuais ou intelectuais, “o espírito de pesquisa no plano filosófico ou artístico, no plano da investigação histórica e no plano da criação de novas obras de beleza e de verdade” (BUCI-GLUCKSMANN, 1980, p. 115).

O fascínio que esses movimentos culturais exerciam sobre Gramsci estava relacionado ao seu desejo de criar condições para organizar a cultura no campo socialista, de modo que os trabalhadores pudessem compreender os conflitos sociais e assumir a direção política da sua própria história. O “jornalismo integral” é, portanto, um programa de educação política progressiva para transformar o “simples senso comum” das grandes massas em conteúdos políticos concretos.

O centro das preocupações de Gramsci era a formação de uma “consciência unitária do proletariado”. E a influência neo-idealista do contexto cultural em que ele viveu o tornou profundamente refratário a qualquer proposta de transformação social baseada no espontaneísmo e no evolucionismo mecânico. Por isso, ele não esperava que o desenvolvimento cultural das massas e a formação de uma “consciência unitária” se realizassem espontaneamente, seguindo o curso da evolução natural. Considerando que a fundação de um novo Estado dependia de um processo muito mais amplo de criação de uma nova civilização, para o qual a cultura tinha um papel fundamental, ele insistia sobre a necessidade de “organizar a cultura”. Isso significava ampliar os meios para difundir novas concepções do mundo que permitissem aos trabalhadores tomar “consciência de si”, dos seus próprios fins, e fazer sua história. Significava criar as condições imprescindíveis à conquista de uma “consciência superior”. É nessa perspectiva que podemos ler a sua vasta experiência jornalística.

Quando, no cárcere, Gramsci reflete sobre a influência do pensamento croceano na sua mocidade, ele revela ter proposto que a filosofia de Croce fosse uma premissa da retomada do mar-

<sup>29</sup> O verdadeiro nome de Bogdanov era Alexandr Alexandrovich Malinovski (1873-1928).

<sup>30</sup> Anatoliy Vasilievich Lunacharsky (1875-1933) participou da publicação do jornal bolchevique *Zovaya Zhizn* (*Vida Nova*), com Maxim Gorky, em 1908; do grande jornal pacifista editado em Paris, *Nashe Slovo* (*Nosso Mundo*), com Julius Martov e Leon Trotsky, em agosto 1914, e colaborou com a redação do jornal *Vpered* (*Avanti*), em 1915, apoiando a cultura proletária. Depois da Revolução de Outubro, Lunacharsky foi eleito Primeiro Comissário do Povo para a Educação do Governo Soviético.

xismo contemporâneo, assim como o hegelianismo fora a premissa do marxismo no século XIX. Naquela época, porém, afirma Gramsci, “o conceito de unidade entre teoria e prática, entre filosofia e política não era claro para mim e eu era tendencialmente mais croceano” (GRAMSCI, 1977, p. 1233). Em seguida, a possibilidade de fazer do pensamento de Croce uma premissa para retomar o marxismo é sublinhada como estratégia para elevar o marxismo a um nível superior, tornando-o uma filosofia capaz de afrontar os problemas mais complexos da luta ideológica, da luta revolucionária. Trata-se, em outros termos, de criar uma cultura capaz de unificar Renascimento e Reforma Protestante, “uma nova cultura integral, que tivesse as características de massa da Reforma protestante e do Iluminismo francês e as características de classicidade da cultura grega e do Renascimento italiano, uma cultura que [...] sintetize Maximilien Robespierre e Immanuel Kant, a política e a filosofia, em uma unidade dialética intrínseca a um grupo social, não só francês ou alemão, mas europeu e mundial” (*idem*, p. 1238).

Essa é a perspectiva que aproxima intelectuais e massas populares, teoria e prática, filosofia e história, enfim, a unidade entre pensamento e ser no movimento dialético da história. Gramsci está convencido de que as “concepções de mundo” se convertem em história quando são abraçadas e postas em prática pelas massas populares. E, por isso, toma os modelos culturais da Reforma e do Renascimento como referências críticas e como valor pedagógico. Para ele, é “evidente que não se entende o processo molecular de afirmação de uma nova civilização que se desenvolve no mundo contemporâneo sem ter compreendido o nexo histórico Reforma-Renascimento” (*idem*, p. 891). É uma abordagem que procura romper com o dualismo entre teoria e prática, filosofia e história, ressaltando a unidade da filosofia e da política no ato histórico. A unidade dialética entre o objetivo e o subjetivo, o material e o espiritual, é o fundamento teórico da análise de Gramsci sobre a “organização da cultura” na luta revolucionária. A atividade editorial constitui um dos elementos dessa organização e se vincula à perspectiva da escola unitária.

Rosemary Dore (rrosedore@yahoo.it) é Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERLINI, G.** 1999. *Angelo Fortunato Formiggini*. Il suicidio di un editore ebreo. Disponível em : <http://liceoformiggini.scuolaer.it/allegato.asp?ID=7418>. Acesso em : 30.maio.2006.
- BADALONI, N. & MUSCETTA, C.** 1977. *Labriola, Croce, Gentile*. Roma : Laterza.
- BALSAMO, L. & CREMANTE, R.** (orgs.). 1981. *A. F. Formiggini*. Un editore del Novecento. Bologna : Il Mulino.
- BINNI, W.** 2003. *L’“homo novus” della “Frusta Letteraria”*. Disponível em : <http://xoomer.alice.it/brdeb/critica/settecento/homo.htm>. Acesso em : 20.ago.2007.
- BONAZZI, N.** s/d. *Ebreo dopo*. Angelo Fortunato Formiggini tra utopia e disinganno Università degli Studi di Bologna e Gedit Edizioni. Disponível em : [http://www.griseldaonline.it/percorsi/bonazzi\\_formiggini.htm](http://www.griseldaonline.it/percorsi/bonazzi_formiggini.htm). Acesso em : 22.jul.2006.
- BONUZZI, G.** 2007. *Le riviste italiane nell’ultima fase letteraria*. Disponível em : [http://circe.lett.unitn.it/le\\_riviste/bibliografia\\_gen/biblio/BONUZZI%201919.pdf](http://circe.lett.unitn.it/le_riviste/bibliografia_gen/biblio/BONUZZI%201919.pdf). Acesso em : 10.dez.2007.
- BUCCI-GLUCKSMANN, C.** 1980. *Gramsci e o Estado*. Rio de Janeiro : Paz e Terra.
- CASSESE, S.** 1981. Giolittismo e burocrazia nella “cultura delle riviste”. In : VIVANTI, C. (org.). *Storia d’Italia*. Annali 4 : Intellettuali e potere. Turim : Einaudi.
- CASTRONOVO, V.** 1984. *La stampa italiana dall’Unità al fascismo*. Bari : Laterza.
- CIPOLLA, C. M.** 1971. *Istruzione e sviluppo. Il declino dell’analfabetismo nel mondo occidentale*. Torino : Utet.

- CIRCE**. 2006. *Catalogo Informatico Riviste Culturali Europee*. Laboratorio di ricerche informatiche sui periodici culturali europei/Facoltà di Lettere e Filosofia/Università degli studi di Trento. Disponível em : [http://circe.lett.unitn.it/main\\_page.html](http://circe.lett.unitn.it/main_page.html). Acesso em : 20.jun.2007.
- D'ALFONSO**, R. 2000. Guerra ordine e razza nel nazionalismo di Francesco Coppola. *Il Politico*, v. 65, fasc. 4, p. 539-570.
- \_\_\_\_\_. 2002. L'esordio politico di Alfredo Rocco (dal radicalismo al nazionalismo). *Il Politico*, v. 67, fasc. 2, p. 209-254.
- DIZIONARIO BIOGRAFICO DEGLI ITALIANI**. 1960. Roma : Istituto dell'Enciclopedia Italiana.
- DONATTI**, C. 2006. *Il libro delle buone intenzioni, ovvero i programmi delle riviste letterarie da "La Critica" ad "Alfabeta"*. Disponível em : <http://circe.lett.unitn.it/html/attivit /Programma%20Riviste.asp.asp>. Acesso em : 15.maio.2006.
- DORE SOARES**, R. 2000. *Gramsci, o Estado e a escola*. Iju  : UNIJ .
- \_\_\_\_\_. 2005. L'educazione e la scuola unitaria nei "Quaderni del carcere". In : MEDICI, R. (org.). *Gramsci, il suo il nostro tempo*. Bologna : Clueb.
- FIORI**, G. 1979. *A vida de Antonio Gramsci*. Rio de Janeiro : Paz e Terra.
- GRAMSCI**, A. 1973. Socialismo e cultura. In : \_\_\_\_\_. *Scritti politici*. Organiza  o de Paolo Spriano. Roma : Riuniti.
- \_\_\_\_\_. 1977. *Quaderni del carcere*. Torino : Einaudi.
- \_\_\_\_\_. 1982. Analfabetismo (1917). In : \_\_\_\_\_. *La Citt  futura, 1917-1918* [Obras de Antonio Gramsci, *Scritti* 1913-1926, 2]. Organiza  o de Sergio Caprioglio. Torino : Einaudi.
- \_\_\_\_\_. 1988. *Lettere dal carcere*. Roma : L'Unit .
- GRAMSCI**, A. & **SCHUCHT**, T. 1997. *Lettere : 1926-1935*. Organiza  o de Aldo Natoli e Chiara Daniele. Turim : Einaudi.
- HILTON**, R. 2002. *La l gende noire au 18e siècle*. Le monde hispanique vu du dehors. Historical Text Archive. Disponível em : <http://historicaltextarchive.com/books.php?op=viewbook&bookid=8&pre=1>. Acesso em : 20.ago.2006.
- LUPERINI**, R. 1978. Gli esordi del Novecento e l'esperienza della "Voce". Roma : Bari.
- MANACORDA**, G. 1999. *Storia della letteratura italiana contemporanea : 1900-1940*. Roma : Riuniti.
- MANICARID**, N. 2001. *Formiggini*. L'editore ebreo che si suicid  per restare italiano. Modena : Guaraldi.
- MARX**, K. & **ENGELS**, F. 197-. Manifesto do Partido Comunista (1848). In : \_\_\_\_\_. *Textos*. S o Paulo : Sociais.
- PERTICI**, R. & **RESTA**, A (orgs.). 1997. *Luigi Russo-Giovanni Gentile : 1913-1943*. Pisa : Scuola Normale Superiore.
- SAMARITANI**, F. 2001. *Estro e sanguigni umori del critico letterario Giuseppe Baretta*. Disponibile em : <http://www.repubblicaletteraria.it/GiuseppeBaretta.htm>. Acesso em : 20.ago.2007.
- SCRIVANO**, R. 1965. *Riviste, scrittori e critici del Novecento*. Florença : Sansoni.